


INSTITUTO	
	
<b>Documentação</b>	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	DESP                      GERAL
Data	12/10+/2003      Pg A 12
Class	35

## Há base genética para classificação étnica ou racial?

*Debates parecem indicar que distinção só é válida para mostrar suscetibilidade a doenças*

NICHOLAS D. KRISTOF  
The New York Times

**O**XFORD – Meu DNA foi examinado por um especialista em genética daqui e sabe o resultado? Descobriu-se que sou afro-americano. A mitocôndria das minhas células mostra que sou descendente de uma matriarca que viveu na África. Certo, isso foi há 70 mil anos e ela parece ser uma ancestral comum a todos os asiáticos, assim como a todos os caucasianos. Mesmo assim, esse tipo de análise de DNA traz algum esclarecimento ao raivoso debate sobre se há algo de verdade na idéia de raça.

“Não existe nenhuma base genética para qualquer tipo de classificação étnica ou racial rígida”, disse Bryan Sykes, o geneticista de Oxford. Veja o meu caso. Sykes analisou uma sequência do meu DNA para situar-me num tipo de árvore genealógica global. Eu pareço ser um produto híbrido. Uma das minhas variantes, por exemplo, aparece também entre pessoas da Finlândia, Polônia, Armê-

nia, Holanda, Escócia, Alemanha, Noruega e de Israel.

Por outro lado, será a raça “biologicamente sem sentido” mesmo? O fanatismo racial tem sido tão destrutivo que é tentador descartar raça e etnia como artificiais, mas há diferenças genuínas entre grupos populacionais. Os judeus têm mais probabilidade de portar mutações para a doença de Tay-Sachs e os africanos para anemia falciforme. “Há grande valor nas categorizações raciais/étnicas” para a medicina, afirmou um geneticista de Stanford, Neil Risch, em artigo na *Genome Biology*.

Cada vez mais a genética mostra que as distinções raciais e étnicas são genuínas – mas frequentemente nebulosas e exageradas. A genética cada vez mais mostrará que a maioria dos humanos é mestiça e isso transformará o racismo numa coisa ridícula. “Existem distinções significativas entre os grupos que podem ter implicações na suscetibilidade a doenças”, disse Harry Ostrer, especialista em genética da Escola de Medicina da New York University.

“A versão de direita disso é *The Bell Curve* (livro de 1994 de Richard Herrnstein e Charles Murray, que sustenta que há raças superiores) e isso é pseudociência. Mas pode haver um meio-termo entre a correção política da esquerda e a mesquinhez da direita.” Eu estarei procurando esse meio-termo quando estiver celebrando o Kwanzaa (festival afro-americano realizado de 26/12 a 1º/1).